

Rumo ao gerencialismo capitalista e democrático

Luiz Carlos Bresser-Pereira*

Para o livro de comemoração dos 30 anos da Academia Brasileira de Engenharia. Enviado em dezembro de 2021.

Sumário: O capitalismo neoliberal financeiro-rentista – uma fase regressiva surgiu no final dos anos 1970 e, em 2008, entrou em crise terminal. Antes, nos Anos Dourados do Capitalismo, tivemos o capitalismo gerencial no qual os capitalistas ainda eram dominantes e os gerentes estavam no segundo plano. Mas nesse período os capitalistas deixaram de controlar o processo de acumulação de capital e inovação que os legitimava. Hoje estamos caminhando para um gerencialismo capitalista no qual a formação social continua capitalista, mas contradizendo a tese liberal, será um "gerencialismo democrático", no qual a democracia – uma conquista essencialmente popular – ganhou força ao resistir ao neoliberalismo e o populismo de direita.

Palavras-chave: capitalismo, neoliberalismo, gerencialismo, democracia, progresso humano.

Nos anos 2020 os Estados Unidos ainda são ainda o país mais poderoso do mundo no plano econômico e militar, mas está em profunda crise e está perdendo sua hegemonia nessas duas áreas para a China, enquanto no plano social e político a Europa Ocidental mostra ter uma sociedade mais coesa e uma democracia que, apesar de todas as suas limitações, representa melhor os interesses da população. É um país que esteve preso ao mesmo tempo que liderava um neoliberalismo ineficiente e a individualismo extremado inigualitário que valoriza as pessoas pelo dinheiro e despreza os mais pobres – um neoliberalismo que, como estamos vendo pelo governo Biden, está sendo abandonado porque, desde 1980, é a causa principal das taxas de crescimento baixas, do enorme aumento da desigualdade e da estagnação do padrão de vida da metade mais pobre da população. É uma sociedade que perdeu coesão, que deixou de partilhar crenças e objetivos. Tem um sistema político em que a democracia se deteriorou e já não é mais exemplo para ninguém – uma plutocracia que elege políticos sem real apoio popular e, pelo seus maus resultados, criou a oportunidade para o fortalecimento do populismo de direita.

O que aconteceu neste tempo e levou os Estados Unidos a esta decadência? O fato histórico novo que levou o grande país e, com ele, boa

* Professor emérito da Fundação Getulio Vargas, E-mail: bresserpereira@gmail.com, .Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8679-0557>

parte do capitalismo rico à crise a 2008 foi a Virada Neoliberal que ocorreu no Reino Unido e nos Estados Unidos em torno de 1980, com a eleição de Margareth Thatcher e Ronald Reagan. Foi uma escolha errada do ponto de vista econômico; os Estados Unidos, que sempre foram um país desenvolvimentista (embora seus políticos fizessem um discurso liberal), que mantiveram tarifas aduaneiras altas até 1939 (a principal política industrial do desenvolvimentismo), de repente mudaram radicalmente de rumo e passaram a adotar um liberalismo econômico incompatível com seu próprio desenvolvimento econômico. Foi uma escolha errada no plano social, porque implicou aumento da desigualdade, e no plano político, porque significou a troca do republicanismo por um liberalismo político individualista.

Enquanto o liberalismo político vê a liberdade apenas como o direito do indivíduo de fazer aquilo que bem entender desde que não seja contra a lei, o republicanismo a vê como o objetivo a ser alcançado pela sociedade e como uma obrigação dos seus líderes políticos de defender o interesse público mesmo que ele contrarie seus próprios interesses. Essa era a visão da coisa pública que orientou os founding fathers no tempo da sua independência. Eles combinavam de maneira dialética duas ideologias opostas, o republicanismo e o liberalismo. J. G. A. Pocock (1975) demonstrou esse fato em livro definitivo de 1975, *The Machiavellian Moment*. Esse republicanismo era ainda forte nos Estados Unidos de 1960 e moderava o liberalismo dos Estados Unidos da mesma forma que o ideal socialista moderou o liberalismo europeu. Dou apenas dois exemplos desse republicanismo relacionados ao Presidente John Kennedy: sua célebre frase – "Ask not what your country can do for you but what you can do for your country" – e o livro que publicou cinco anos antes de ser eleito presidente, quando era senador, *Profiles on Courage* (1956), no qual ele escolheu oito senadores para contar sua história, adotando como único critério de escolha ter cada um deles, em determinado momento de sua vida política, tido a grandeza de adotar a política que entendia consultar os interesses da nação americana, embora as forças políticas que o elegiam fossem contrárias a ela. Com a virada neoliberal, o republicanismo foi esquecido, e a sociedade americana ficou à mercê de um liberalismo econômico ineficiente e de um individualismo político reacionário.

Fases do capitalismo

Para entender o capitalismo, eu o divido em cinco fases ou formações sociais e tomo como referência a Grã-Bretanha e a França que passaram por todas elas. A primeira fase, o capitalismo dos mercadores ou mercantilismo, vai de todo o século XVI até meados do XVIII e marca a transição do feudalismo para o capitalismo; foi nessa fase que ocorreu a Revolução Capitalista – a formação do estado-nação e a revolução industrial naqueles dois países. A segunda fase, o capitalismo dos empresários ou liberal e industrial, ocorreu desde o início do século XIX, quando a revolução industrial terminou na Inglaterra e na França, até a

crise de 1929, que desmoralizou o liberalismo econômico; foi o capitalismo que Adam Smith e Marx analisaram, o primeiro saudando seu aparecimento e acentuando o papel do mercado na sua coordenação, o segundo o definindo como um modo de produção baseado na acumulação de capital com incorporação de progresso técnico e fazendo sua crítica.

No final do século XIX, nos Estados Unidos passam pela Revolução Organizacional – o momento na história no qual as unidades básicas de produção deixam de ser as empresas familiares e passam a ser as grandes corporações privadas. Começa, então a terceira fase do capitalismo – o capitalismo dos gestores ou capitalismo social-desenvolvimentista. Os gestores privados emergem nas grandes empresas privadas e, somados a uma também crescente burocracia pública, formam uma nova classe dos gestores ou classe tecnoburocrática. Os gestores passam, então, a substituir os empresários na administração das empresas. É a fase em que os Estados Unidos são o poder hegemônico, e o capitalismo deixa de ser liberal para ser desenvolvimentista ou keynesiano – passa a implicar uma intervenção moderada do Estado na economia. E passa também a ser social-democrático, porque nessa fase temos a construção do Estado do bem-estar social, principalmente na Europa. Foi, finalmente, a fase na qual o capitalismo viveu seu grande momento – os Anos Dourados do Capitalismo – um período de forte crescimento, estabilidade financeira e diminuição das desigualdades.

Não obstante os bons resultados da terceira fase e o fato que os gestores não haviam exaurido suas potencialidades, a crise econômica dos anos 1970, que foi acentuada nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, abriu uma oportunidade de poder para os liberais. Eles julgavam liberalismo e capitalismo irmãs gêmeas e não se conformavam com a perda de poder que o crash de 1919 e a Grande Depressão dos anos 1930 haviam originado, e a aproveitaram para restabelecer a escola do neoclássica monetarista como mainstream nas universidades e a ortodoxia liberal como conjunto de políticas econômicas adotada pelos governos. Começa, então, a quarta fase do capitalismo – o capitalismo dos rentistas e financistas ou capitalismo neoliberal. Mas, diante de sua incapacidade de promover o padrão de vida da baixa classe média branca, deu origem ao ressentimento dessa facha da população que resultou no populismo de direita de Donald Trump, Boris Johnson e Jair Bolsonaro.

A crise econômica moderada, nos anos 1970, que, nos Estados Unidos, envolveu a queda da taxa de lucro e a estagflação (inflação combinada com recessão), possibilitou a Virada Neoliberal. Temos, então, a quarta fase – o capitalismo dos rentistas e financistas ou Capitalismo Neoliberal. Duas fases antes os gerentes já haviam substituído os empresários na *gestão* das corporações empresariais. Agora os rentistas substituíam os empresários na *propriedade* dessas grandes empresas. O capitalismo retornou ao liberalismo econômico, enquanto sobem ao poder os "financistas", que, falando em nome dos rentistas, montam uma guerra

não apenas contra a burocracia pública, mas também contra a classe gerencial privada. Os altos executivos privados não podiam ser expulsos da coalizão de classes porque dirigiam as grandes empresas, mas se tornaram os adversários prediletos dos *stockholders*. Quanto aos financistas, eles são também gerentes ou profissionais com mestrados em administração de empresas (MBAs), senão PhDs em economia, que assumiram a gestão da riqueza dos rentistas e passaram a desempenhar o papel de intelectuais orgânicos do capitalismo neoliberal financeiro-rentista.

Para legitimar o liberalismo econômico, esses financistas recorreram à teoria econômica neoclássica – uma teoria econômica que, a partir da virada neoliberal, passou a ser dominante nas universidades e dar fundamento "científico" à ideologia neoliberal. Essa fase, ao excluir o estado e tentar tornar o mercado a única instituição de coordenação econômica do capitalismo, se caracterizou por baixo crescimento, alta instabilidade financeira e brutal aumento da desigualdade. Por isso, de modo não surpreendente, ela terminou cedo, com a grande crise financeira de 2008. Desde então, o liberalismo econômico está mais uma vez desmoralizado; as economias ricas crescem de maneira muito lenta, os bancos centrais emitem moeda para reduzir a taxa de juros que se tornou negativa, caracterizando-se uma "estagnação secular".

Dois fatos que ocorreram em 2016 – a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e o referendo do Brexit na Grã-Bretanha – levaram ao surgimento do populismo de direita, uma reação irracional ao fracasso do neoliberalismo, em especial sua incapacidade de aumentar os salários dos trabalhadores cujos salários estagnaram por diversas causas inclusive a competição com a China. Como as três fases anteriores levaram o capitalismo a avançar no plano do desenvolvimento econômico, social e político, o capitalismo neoliberal dos rentistas e financistas foi um período de desvio reacionário e grave retrocesso.

Entretanto, diante dos maus resultados econômicos e péssimo resultado distributivo (um grande aumento da desigualdade), em 2020 (que foi o primeiro ano da pandemia do Covid-19) o capitalismo neoliberal cedeu lugar a um novo capitalismo gerencial. Nesse mesmo ano, os bancos centrais, mais pragmáticos do que os economistas, vendo o tamanho da crise e a importância do estado em a limitar, passaram a financiar a despesa pública relativa à pandemia com emissão de moeda, ou seja, a compra de títulos públicos. No quadro do quantitative easing essa emissão se destinara apenas a aumentar a liquidez do sistema econômico. Estava começando a quinta fase, também gerencial-capitalista. Neste ensaio concentrarei minha atenção nas duas últimas fases.

Uma construção social

No livro que estou escrevendo, *Rentiers' Capitalism, Managerialism, and Democracy*, critico os analistas de esquerda que não distinguem o

neoliberalismo do capitalismo, rejeitam qualquer ideia de progresso no capitalismo, e preveem seu colapso iminente. Penso em Dardot e Laval (2009) quando faço essa afirmação. Um erro semelhante é dizer que o neoliberalismo é "a verdadeira face" do capitalismo e que os Anos Dourados teriam sido uma exceção. Esse é, por exemplo, o argumento adotado por Wolfgang Streeck (2011) quando afirma que "não são Les Trente Glorieuses, mas a série de crises que se seguiram que representam o capitalismo democrático normal" (pp. 5-6). Essa visão faria sentido se entendêssemos o capitalismo como um fenômeno "natural", e não como resultado de uma construção social; se acreditássemos que os humanos nada mais foram do que joguetes em um processo histórico em que a vontade e a ação humanas estão ausentes. Essa é uma naturalização equivocada da história. Ignora que capitalismo é uma forma de sociedade regulada por duas grandes instituições – o Estado e o mercado – que, como todas as instituições, foram construídas pelos humanos. Pode-se dizer que essa construção é em parte "inconsciente". De fato, Marx e Engels, com o materialismo histórico e o conceito de ideologia, deram uma contribuição definitiva para a compreensão das sociedades e seu desenvolvimento – para que entendemos a correlação entre as três instâncias da sociedade – a econômica, a institucional ou regulatória, e a cultural ou ideológica. Mas Marx sabia que, em sua época, os homens e as mulheres dos países mais avançados tinham objetivos políticos de liberdade e segurança que eles transformavam em instituições – especialmente na maior e mais importante delas, o Estado e sua lei constitucional.

O Estado moderno é o sistema constitucional-legal e a organização dotada de poder coercitivo que o garante; é o principal instrumento de ação coletiva da nação. Desde as três revoluções fundadoras do estado moderno – a Revolução Gloriosa, a Revolução Americana e a Revolução Francesa – o Estado moderno é a instituição que surge com o capitalismo para definir e fazer cumprir os objetivos políticos finais (segurança, liberdade individual, melhoria dos padrões de vida, justiça social e proteção do meio ambiente), bem como os objetivos instrumentais (um estado-nação autônomo e democrático) que as sociedades modernas definiram para si próprias desde o século XVIII. O capitalismo foi o primeiro modo de produção a experimentar o desenvolvimento econômico e o "progresso humano", que defino como o processo histórico por meio do qual cada nação avança na realização desses objetivos. Assim, o capitalismo, hoje, não é uma forma natural de sociedade, mas uma organização social voltada formalmente para a realização desses objetivos políticos; é o primeiro modo de produção no qual houve desenvolvimento econômico e algum progresso humano. Um progresso limitado e insatisfatório, mas que não pode ser ignorado. Não – d

Os estados-nação hoje existentes são, portanto, o resultado da ação coletiva da sua forma de sociedade específica – a nação – para formar uma sociedade política autônoma. Nesse processo, os indivíduos e as organizações representativas de interesses defendem seus próprios

interesses como se fossem os interesses de todos, e, em consequência, as nações, muitas vezes, experimentam regressões históricas. Afinal, porém, do vetor dialético não só dos interesses de classe e dos acordos políticos, mas também dos princípios republicanos (da república) e solidários (do socialismo) que igualmente orientam a ação humana, resulta eventualmente o progresso humano.

O capitalismo enfrenta desde 2008 uma grande crise – e o neoliberalismo financeiro-rentista, que foi dominante entre 1980 e 2020, mas está em crise terminal desde crise financeira global de 2008. O que se pode esperar em seguida? Proponho que está surgindo uma nova formação social ou uma nova fase do capitalismo – uma fase gerencial capitalista como aquela que foi dominante desde o New Deal, em 1933, até a crise dos Anos Dourados do Capitalismo em 1980, mas nessa coalizão gerencial-capitalista a liderança cabe agora à classe gerencial enquanto o sócio menor é agora a classe capitalista. Eu continuo crítico dos que afirmam que o capitalismo está morrendo e não sabem o virá em seu lugar, prevendo apenas uma crise permanente.¹ Na verdade, o que *já morreu* é o neoliberalismo. O capitalismo está morrendo porque esgotou sua capacidade de promover o desenvolvimento econômico, mas se trata de uma morte lenta. Na realidade à minha volta na qual o desenvolvimento tecnológico não para de se acelerar, vejo pistas indicando a emergência de uma formação social "gerencial-capitalista democrática". Essa será ainda uma fase do capitalismo – talvez a última fase, porque a figura do empresário capitalista está sendo superada pela ação coletiva dos gerentes nas grandes corporações privadas gerencial-capitalistas; foram os gerentes que assumiram grande parte as funções de acumulação de capital e inovação que são centrais para o desenvolvimento econômico. Na nova coalizão de classes, a classe principal será agora a classe gerencial, ficando para os capitalistas o papel de segundo jogador. Isto em um capitalismo no qual o desenvolvimento tecnológico é cada vez mais acelerado – e assim aumenta o poder dos gerentes-engenheiros. Estes agora comandam a acumulação de capital e a inovação, enquanto os gerentes-economistas controlam as decisões de política econômica e os mas sofisticados agem como intelectuais orgânicos.

Eu argumento que esse segundo capitalismo gerencial que está surgindo será democrático, porque a democracia foi uma conquista histórica da classe trabalhadora e da classe média nos países capitalistas mais avançados na virada do século XIX para o XX, porque desde então se tornou um regime político consolidado, e porque demonstrou de forma dramática esse seu caráter consolidado ao ser ameaçada pelo neoliberalismo, que é intrinsecamente autoritário, e mais recentemente pelo populismo de direita.¹ A democracia mostrou ao mundo que não

¹ Defendi essa tese no ensaio publicado pela *Lua Nova* em 2020, "Não é a democracia que está morrendo. É o neoliberalismo que fracassou" (Bresser-Pereira, 2020).

apenas não está morrendo, mas prospera e será cada mais definidora da formação social que está. Ele enfrentará contradições que são inerentes ao desenvolvimento capitalista. Por exemplo, esse gerencialismo democrático dificilmente será tão progressista na sua primeira manifestação histórica – os Anos Dourados do Capitalismo – porque os países ricos não resolveram o problema da competição dos países em desenvolvimento. Uma competição que leva os governos desses países a pressionar para baixo os salários em nome da competitividade internacional. Mas o gerencialismo democrático não será liberal no plano econômico, mas desenvolvimentista; por isso, deverá levar os países mais avançados a proteger um pouco mais sua indústria de bens manufaturados.

Democracia republicana e social-desenvolvimentista

Quando Marx analisou o capitalismo, a nova classe capitalista compartilhava poder e privilégio com a aristocracia decadente. Para ele, essa seria a primeira e a última fase do desenvolvimento capitalista, porque logo a queda da taxa de lucro determinaria o colapso econômico, enquanto uma revolução socialista marcaria o fim do capitalismo. Em vez disso, o que aconteceu na virada do século XIX foram a Revolução Organizacional e a Revolução Democrática, que definiram o capitalismo do século XX. A Revolução Organizacional deu origem à nova classe gerencial, representada pelo surgimento das grandes corporações empresariais nos EUA, foi a mudança da unidade básica de produção da empresa familiar para as organizações; a Revolução Democrática assinalou o surgimento das democracias modernas quando os países ricos ocidentais se transitaram finalmente para a democracia. Tomando-se a Grã-Bretanha e a França como referência, o regime político desses países que desde o início do século XIX garantiam os direitos civis e o estado de direito, aceitaram o sufrágio universal e se tornaram minimamente democráticos. A Revolução Democrática não foi uma mera “, que revolução burguesa”, mais um momento histórico a partir do qual o povo de um país obtém algum poder político para defender os seus interesses. Marx também não previu que, uma vez que a revolução industrial e capitalista fosse realizada por cada país, ela desencadearia nesse país um desenvolvimento econômico sustentado, o aumento dos padrões de vida e a mudança do fator estratégico de produção do capital para o conhecimento técnico e organizacional.

A lógica do surgimento de uma nova formação social está hoje ligada, por um lado, à demanda das sociedades modernas por progresso humano e, por outro, ao fato de que o avanço da democracia vem tornando o povo mais ouvido. O capitalismo tornou-se a forma dominante de organização de todas as sociedades modernas quando se revelou mais capaz de gerar riqueza e aumentar os padrões de vida do que o feudalismo e o escravismo, e, mais tarde, capaz de se adaptar ao surgimento da democracia. Mas foi sempre um modo de produção marcado pela desigualdade. Agora, após a virada neoliberal de 1980 e a crise de 2008, quando a desigualdade

econômica está atingindo novos máximos, o capitalismo não está se revelando capaz de gerar uma taxa de crescimento satisfatória, muito menos de reverter o processo neoliberal de concentração da renda, e mostra pouca capacidade de controlar as mudanças climáticas. Está, assim, se tornando evidente que o capitalismo esgotou sua capacidade de promover o progresso humano. Por outro lado, as elites capitalistas perderam o controle da acumulação de capital. Terceiro, a indignação não só da classe trabalhadora, mas também da classe média, com os maus resultados econômicos aumenta a cada dia os conflitos e a polarização política. Quarto, não está clara para os atores políticos qual será a saída, mas começam a surgir pistas de como será a nova formação social que nascerá dessa crise generalizada.

O capitalismo é um modo de produção dinâmico no qual uma coalizão de classes dominada pela classe capitalista comanda o processo de desenvolvimento econômico. Hoje, porém, os empresários capitalistas que ainda existem perderam força econômica e política. O gerencialismo democrático não será pós-capitalista, mas está perto disto. Será uma formação social democrática porque atende às condições mínimas de uma democracia – o estado de direito, a garantia dos direitos civis, e o sufrágio universal, e porque o político profissional eleito democraticamente deverá ver sua legitimidade e poder político ampliados. Depois da Revolução Democrática, a democracia se estendeu também para os países de renda média, principalmente a partir dos anos 1970 e se transformou em um valor universal: não apenas em uma forma de governo, mas também em uma ideologia progressista que a esquerda, depois de reconhecer a impossibilidade da revolução socialista no curto prazo, passou a valorizar.

Hoje, a democracia é o único regime político dotado de legitimidade social. É instrumental para a realização dos objetivos políticos que as sociedades modernas definiram para si mesmas. Desde a Revolução Democrática a qualidade da democracia tendeu a melhorar na maioria dos países. No início do século XX, a primeira forma de democracia foi a democracia de elite ou democracia liberal; após a Segunda Guerra Mundial, principalmente na Europa, a democracia tornou-se republicana, social e desenvolvimentista – republicana porque um número razoável de cidadãos e de políticos passou a agir de maneira cívica ao invés de liberal e deu prioridade ao interesse público ao invés de a seus interesses particulares, como supõe o individualismo liberal; tornou-se social, porque, além dos direitos civis e dos direitos políticos; social, porque os direitos sociais passaram a ser considerados e surgiu o Estado do bem-estar social; desenvolvimentista ao invés de liberal, porque viu na intervenção moderada do Estado na economia um instrumento para o desenvolvimento econômico e o progresso humano em vez de ver o Estado como mero garantidor da propriedade e dos contratos. Embora a transição para uma democracia participativa caminhe lentamente nos países democráticos mais avançados, como a Dinamarca e a Suíça, minha previsão é que a democracia continuará a progredir porque a pressão da

classe trabalhadora e das classes médias por mais participação política continuará presente. Houve uma regressão da democracia com o neoliberalismo individualista que se opõe ao civismo e à solidariedade social, mas esse neoliberalismo foi finalmente derrotado. Nos últimos anos, o capitalismo neoliberal de um lado e o aumento da imigração de outro deu origem a um populismo de direita expresso que, em 2016, significativamente, se manifestou nos dois países que iniciaram a regressão neoliberal – os EUA com a eleição de Donald Trump e a Grã-Bretanha com o referendo do Brexit. A reação da sociedade e das instituições democráticas a essa ameaça mostrou que a democracia vem sendo firme e decidida, confirmando que é uma conquista da humanidade.

Segundo gerencialismo democrático

Quais são os novos fatos históricos por trás do surgimento do segundo gerencialismo democrático? No quadro do fracasso do capitalismo neoliberal em promover o desenvolvimento, o primeiro foi a incapacidade da classe rentista de estimular o processo de acumulação de capital e, de modo mais geral, sua incapacidade de governar. Nas três fases anteriores do desenvolvimento capitalista (as fases mercantilista, industrial e gerencial), foi confirmada a previsão de Marx de que os detentores do capital manteriam o controle da sociedade assim que o país se tornasse totalmente capitalista. Nas três fases, os capitalistas (os comerciantes, os empresários e os administradores) não eram apenas aproveitadores privilegiados; eles desempenharam um papel de liderança no processo de produção. Eles não eram simplesmente pessoas ricas tornando-se cada vez mais ricas. Eram também uma espécie de delegados da sociedade encarregados de conduzir o processo de acumulação de capital e inovação, do qual depende o crescimento econômico. Foi seu papel fundamental no desenvolvimento capitalista que serviu de justificativa para seu poder e riqueza. Não é o caso dos rentistas, que ou são recipientes ociosos de rendas herdadas, ou são especuladores financeiros. Não há justificativa para o seu poder e rendimentos, mas, como são os detentores do capital, continuam a ser a classe dominante. Essa, no entanto, não é uma condição sustentável, e é uma das explicações de por que o capitalismo dos rentistas-financistas neoliberais teve vida curta – prosperou apenas por 28 anos. É um argumento essencial por trás de minha afirmação de que, na nova forma de formação social que está crescendo, os detentores do capital não serão a classe dominante. Enquanto o capitalismo era o capitalismo dos empresários, os capitalistas eram centrais para o processo de desenvolvimento; perdeu parte de sua funcionalidade quando, no capitalismo dos gerentes, os gerentes substituíram os empreendedores na gestão das empresas privadas; e perdeu todo o apoio quando os capitalistas rentistas ociosos substituíram os empresários na propriedade das grandes empresas. Os rentistas e os financistas não estão comprometidos com o desenvolvimento econômico da sua nação de origem. Eles são uma classe capitalista interessada em dividendos de curto prazo, juros e aluguéis de

imóveis, não na expansão de longo prazo das grandes empresas, que podem ser auferidos em empresas de inúmeros países. A exceção é o terceiro membro da coalizão de classe neoliberal – os altos executivos que administram as corporações privadas para os quais o crescimento de suas empresas é prioritário. Mas no capitalismo neoliberal, suas ações são permanentemente travadas pelos interesses de curto prazo de rentistas e financistas.

Essa incapacidade de governar da coalizão de financeiro-rentista é crucial porque governar as sociedades modernas é uma tarefa extremamente difícil. Se o liberalismo econômico produzisse crescimento, governar os estados-nação seria uma tarefa relativamente simples. Bastaria que os governos garantissem a ordem social e mantivessem a conta fiscal equilibrada; o mercado cuidaria do resto. Mas a experiência das nações mostrou que a "mão invisível" não existe. A metáfora de Adam Smith só faz sentido quando não estamos nos referindo a todo o sistema econômico, mas apenas aos setores competitivos da economia. Os mercados não conseguem coordenar os setores não competitivos, os cinco preços macroeconômicos, a conta corrente externa, a distribuição de renda, bem como a educação básica e a saúde; esses setores devem ser coordenados pelo estado, apesar das deficiências envolvidas. A afirmação neoliberal de que as falhas do Estado são piores do que as do mercado não se aplica, não porque esses setores envolvam falhas de mercado, mas porque o mercado está relativamente ausente, e faz mais sentido submetê-los à gestão pública. Os neoliberais rejeitam esse argumento porque esperam do mercado muito mais do que ele pode fazer e procuram criar mercados em setores onde esse objetivo é inviável e o "mercado" assim criado passa a legitimar monopólios. Eles esperam que o mercado coordene setores nos quais não há concorrência ou a concorrência existente é essencialmente enviesada, como é o caso dos cinco preços macroeconômicos. Governar os estados-nação, contribuir para o progresso humano e a paz mundial são as ações mais nobres que os humanos são chamados a praticar. Governar é uma tarefa muito difícil que requer políticos experientes e competentes, idealmente dotados de virtudes republicanas; políticos que continuamente reafirmam os principais valores e crenças da nação e são capazes de reinterpretá-los sempre que novos fatos históricos o exigirem. Eles podem ser progressistas ou conservadores, liberais no plano econômico ou desenvolvimentistas, mas devem ser republicanos e competentes politicamente.

O segundo fato histórico foi não ter a classe gerencial exaurido todas as suas potencialidades quando a Virada Neoliberal deteve e fez retroceder sua ascensão política. A tomada do poder por uma estreita coalizão de classes financeiro-rentista interrompeu a emergência secular da classe gerencial, mas essa interrupção não foi nem podia ser definitiva. Enquanto, na fase neoliberal, os empresários capitalistas perderam importância política, dois grupos gerenciais permaneceram associados aos

rentistas – os financistas e os altos executivos das grandes empresas. Agora, no gerencialismo democrático que está surgindo, a classe profissional está caminhando para liderar todo o sistema. Não apenas a classe gerencial privada, mas também a pública e, dentro dela, os políticos profissionais. Estes, cujas notas de aprovação política nas pesquisas são sempre baixas, vão se tornando cada vez mais poderosos e relativamente autônomos em relações às classes sociais porque reúnem conhecimento com habilidade política e contam com votos – a moeda fundamental da democracia.

Finalmente, o terceiro novo fato histórico que explica o gerencialismo democrático é o fortalecimento da democracia, que, sob ameaça do neoliberalismo e, mais recentemente, do populismo de direita, mostrou seu vigor. Ela sobreviveu e prosperou nos últimos 40 anos ao ser atacada pelo neoliberalismo, que é intrinsecamente meritocrático e autoritário, e, mais recentemente, pelo populismo autoritário de direita. Enquanto o liberalismo é uma ideologia capitalista que nasceu com o surgimento dos estados-nação e dos mercados nacionais, a democracia é uma ideologia e uma forma de governo apoiada na classe trabalhadora e na classe média, que a burguesia e o liberalismo rejeitaram por muito tempo com o argumento de que democracia seria a "tirania da maioria". A burguesia e o liberalismo eram a favor do Estado de direito e dos direitos civis, que são duas condições para a democracia, mas uma democracia minimamente definida só é alcançada quando a esses direitos se acrescenta o direito político básico – o sufrágio universal – que foi uma conquista popular. Na França e na Grã-Bretanha, na segunda metade do século XIX dos sindicatos e dos partidos socialistas a favor do sufrágio universal, a burguesia aceitou. Foi necessário quase todo o século XIX para que a classe capitalista se sentisse relativamente segura de que a vitória dos partidos socialistas nas eleições gerais não levaria à sua expropriação e à instauração do socialismo. Aceitou a democracia, mas montou um amplo sistema de "salvaguardas" – leis que estabeleceram limites constitucionais rigorosos para a democracia: uma clara divisão de poderes e a exigência de maiorias qualificadas para alterar a Constituição. E limites práticos para o poder do povo: a possibilidade de financiar os políticos nas eleições, ou simplesmente suborná-los, o controle da mídia e a subordinação dos sindicatos a leis rígidas. Mais adiante, mesmo as classes dominantes no capitalismo moderno – a classe capitalista e a classe gerencial – passaram também a ver a democracia como seu regime preferido, primeiro porque essas duas classes sociais são numerosas e diversificadas; seus membros precisam de regras para regular suas ambições de alcançar poder político. Segundo, porque os governos autoritários, embora geralmente associados senão subordinados à classe capitalista, podem se tornar arbitrários ao ponto de ignorarem não apenas os direitos civis da população em geral, mas também os direitos das elites.

Sociedade de mercado sem classe dominante capitalista

O gerencialismo democrático supõe uma sociedade de mercado na qual a classe capitalista é o sócio menor da coalizão de classes. Os mercados nacionais e em seguida o mercado mundial surgiram com a emergência histórica da burguesia, mas, ao contrário do que afirmam os liberais, podem ser vivos e atuantes sem uma classe dominante capitalista. No gerencialismo democrático continua a haver a propriedade privada dos meios de produção; os lucros e os salários são as duas receitas principais; o estado e o mercado coordenam o sistema econômico. Ainda chamo de capitalista esse tipo de formação social, porque o capital continua presente, mas hoje o conhecimento técnico e organizacional é mais importante e a classe gerencial passou a comandar o processo de acumulação de capital e inovação. Alguns dirão que é impossível pensar em uma sociedade onde o capital e o mercado estão presentes, mas a classe capitalista deixou de ser a principal classe dominante. Existe, porém, um precedente histórico para esse tipo de situação. A aristocracia foi perdendo gradativamente seu papel militar durante o longo período em que a burguesia emergiu, mas no mercantilismo ela era ainda a classe dominante, mas podíamos estar incertos quanto à natureza da formação social porque o capital já estava presente no mercantilismo. Agora, no início da terceira década do século XXI, após cerca de 100 anos de ascensão da classe gerencial nos quais a burguesia perdeu gradativamente o controle do processo de acumulação de capital, podemos ter dúvida se a organização social é ainda capitalista ou já se tornou gerencial. Eu fiquei por um breve tempo com essa dúvida, mas ainda que a emergência secular da classe gerencial tenha sido retomada depois da breve interrupção neoliberal, a burguesia continua a deter o capital e a se apropriar da maior parte do excedente econômico que as sociedades modernas produzem. Devido aos grandes lucros e investimentos iniciais baixos das novas grandes corporações de tecnologia digital como a Microsoft e a Google, alguns economistas vêm falando em um “capitalismo sem capital”. Haskel e Westlake, na introdução de seu livro com esse título citam o caso da Microsoft, cujo valor de mercado na bolsa de valores em 2006 estava em torno de US\$ 600 bilhões enquanto seu patrimônio no balanço era de apenas de US\$ 250 bilhões, e atribuem essa diferença aos ativos intangíveis: software, relações com clientes e fornecedores, e conhecimento técnico interno.² Pensei que em seguida os autores apresentariam mais dados sobre essa discrepância; eles apresentam muitos dados, mas nada sobre isto. Fui, então, verificar o valor de mercado das empresas e os seus retornos sobre os investimentos. Como estes usam como capital os ativos fixos contábeis, deveria haver pouca relação entre as duas variáveis, mas não é o que se encontra no mercado financeiro. Na verdade, essas grandes empresas digitais possuem hoje um estoque de capital gigantesco, principalmente investido nos computadores nas usadas nuvens de estocagem de dados.

Ao mesmo tempo, estamos vendo a democracia tornar-se mais forte, pois resistiu ao ataque dos neoliberais autoritários e agora está repelindo o ataque do populismo de direita. Nesse quadro, o povo e os setores mais cultos da classe média e os políticos estão ganhando influência política, e podem aproveitar esta oportunidade para fazer a democracia avançar. Isto pode acontecer tornando-a mais representativa das demandas populares, e tornando o parlamento menos dependente dos interesses dos rentistas e financistas, e elegendo políticos mais comprometidos com o interesse público. Se pensarmos que esse avanço será gradual, ele não é utópico. Existem na crise atual as sementes do que estou prevendo.

Conclusão

O gerencialismo democrático manterá muitas características do capitalismo – lucros e acumulação de capital, trabalho assalariado, coordenação de mercado de setores competitivos. A diferença fundamental é que a coordenação econômica deixará de ser pensada de acordo com a lógica do liberalismo econômico que fracassou, mas a lógica do desenvolvimentismo, que defende uma intervenção moderada do Estado na economia e o reconhecimento do caráter nacional da política não obstante as esperanças legítimas no ideal cosmopolita. Assim, assume-se que a classe dos gestores – tanto os privados quanto os gestores públicos – terá o papel estratégico de comandar o processo de acumulação e inovação do capital e, portanto, a tarefa de governar. Os políticos profissionais definirão as reformas econômicas e as políticas públicas exigidas como representantes do povo, dotados de maior responsabilidade e autonomia em relação aos ricos. Eles representarão os vários setores da sociedade, e não principalmente a classe capitalista. Esses políticos trabalharão em uma série de reformas institucionais que tornarão suas candidaturas mais independentes do financiamento pelos capitalistas e gestores ricos.

Paul Mason (2013) diz que as sementes do pós-capitalismo estão começando a dar frutos. "O capitalismo não será abolido por técnicas de marcha forçada. Será abolido com a criação de algo mais dinâmico, quase invisível no antigo sistema, mas que irrompe, remodelando a economia em torno de novos valores, comportamentos e normas". Podemos ver, nas sociedades modernas, indícios que apontam na direção do novo. Mason acredita que eles apontam para "uma produção mais colaborativa; estão surgindo bens, serviços e organizações que não respondem mais aos ditames do mercado e da hierarquia gerencial". Sim, o novo está surgindo das pistas deixadas pelo presente e pelo passado recente. Mas é preciso não ser tão otimista e acreditar que a revolução da informação esteja produzindo um "novo homem". O comportamento humano continuará sendo simplesmente o vetor dialético dos instintos de sobrevivência e de convivência humana. As sociedades não são apenas fruto do interesse próprio ou do instinto de sobrevivência, mas também da necessidade que cada um de nós tem de partilhar com o outro a vida em sociedade. Após

40 anos de neoliberalismo e individualismo exacerbado, mudanças no comportamento individual e grupal em direção a um estilo de vida mais cooperativo e mais simples são necessárias; são uma resposta diante da ameaça da mudança climática e do aumento da desigualdade. A revolução da informação criou uma sociedade em rede, mas não uma sociedade melhor – uma sociedade em que o volume de informações aumentou caoticamente e as elites perderam o monopólio da informação organizada que o controle da grande mídia lhes assegurava. Ela abriu espaço para ideias novas e progressistas, mas também para teorias conspiratórias e notícias deliberadamente falsas produzidas pela extrema-direita.

No novo contexto produzido pela revolução da informação, minha aposta é que o novo, que está corporificado na democracia, suplantará o velho que está presente no neoliberalismo e no populismo de direita e suas teorias conspirativas. A mudança está acontecendo não em direção a uma sociedade ideal, mas a uma sociedade ao nosso alcance, onde o poder econômico passa dos capitalistas rentistas para os gerentes, e o poder político, para os políticos profissionais relativamente independentes das duas classes dominantes, a gerencial e a capitalista. À medida que a democratização avança, o povo comum ganha voz, mas sua voz será minoritária. Meu argumento apontando nessa direção foi o desgaste dos capitalistas, porque eles perderam seu papel estratégico de controlar o processo de acumulação de capital e inovação, e as limitações inerentes ao gerencialismo relacionadas a seu foco nos processos e na sua dificuldade em pensar em termos de valores. Hoje, o gerente conduz a maior parte da acumulação de capital e das inovações dentro das grandes empresas. Dentro da classe capitalista, apenas os jovens empresários conservam um papel importante – a de comandar startups que, hoje, são a principal fonte de inovação radical – mas essa é a única coisa que garante alguma legitimidade ao capitalismo e o mantém vivo; as outras coisas são apenas restos, a começar por sua riqueza que perdeu qualquer função social.

O fracasso do capitalismo financista-rentista neoliberal foi uma nova evidência de quão errado estava o neoliberalismo ao assumir que os mercados são capazes de coordenar exclusivamente o sistema econômico, e abriu espaço para o retorno a um regime de política desenvolvimentista. Essa mudança já está começando a acontecer. Após a crise financeira de 2008, a ameaça representada pelo populismo de direita e a pandemia de Covid-19, os países mais desenvolvidos estão se movendo em direção ao desenvolvimentismo. Os Estados Unidos do presidente Joe Biden e, menos claramente a União Europeia estão trazendo o estado de volta à economia e a definir e implementar políticas que promovem a reindustrialização. A expectativa do livro publicado em 1985 por Evans, Rueschemeyer e Skocpol, *Bring Back the State* (1985), está se tornando realidade, e o Estado está voltando a ser chamado para promover o desenvolvimento econômico, reduzir a desigualdade, e atingir as metas de aquecimento global que hoje são uma condição da sobrevivência da

humanidade. Na época em que esse livro foi publicado, seus autores não foram ouvidos, mas a história fez com que a realidade e a necessidade prevalecessem sobre uma ideologia reacionária. Nos últimos 40 anos, desde que abandonou o estatismo e embarcou no desenvolvimentismo, a China vem mostrando sua superioridade enquanto forma de coordenação do capitalismo, mas a China continua a ser um estado-nação autoritário. Ela não foi capaz de fazer sua transição para a democracia. A nova formação social gerencial-capitalista não produzirá milagres, o que vem pela frente não é, de maneira alguma uma, utopia. Faço uma previsão otimista, mas que suponho ser realista. Estou apenas prevendo que estamos dando um passo em direção a uma formação social ainda capitalista, mais mais capaz de coordenar a economia e mais democrática.

Referências

- Bresser-Pereira, Luiz Carlos (1962) “The rise of middle-class and middle management in Brazil”, *Journal of Inter-American Studies*, 4(3), 313-326. doi: 10.2307/164949.
- Bresser-Pereira, Luiz Carlos (2020) “A democracia não está morrendo. Foi o neoliberalismo que fracassou”. *Lua Nova - Revista de Cultura e Política*, 111: 51-79. doi: 10.1590/0102-051079/111
- Dardot, Philippe; Christian Laval, C. (2009) *La nouvelle raison du monde: Essai sur la société néolibérale*. Paris, France: La Découverte/Poche.
- Evans, Peter B.; D. Rueschemeyer, D e T. Skocpol, T. eds. (1985) *Bringing the state back*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Galbraith, John K. (1968). *O novo estado industrial*, Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. Original em inglês, 1967.
- Haskel, Jonathan; Stian Westlake (2018) *Capitalism without Capital. The Rise of the Intangible Economy*. Oxford: Princeton University Press.
- Kennedy, J. F (1956) Kennedy, John F. (1956) *Profiles in Courage*, Nova York: Harper & Row.
- Mason, Paul (2013) *Post Capitalism - A Guide to Our Future*, London: Penguin Books.
- Pocock, J. G. A. (1975). *The Machiavellian moment*, Princeton: Princeton University Press.
- Streeck, Wolfgang (2011, Sept./Oct.) “The crisis of democratic capitalism”, *New Left Review*, 71, 5-30.
- Streeck, Wolfgang (2013) *Buying Time: The Delayed Crisis of Democratic Capitalism*, London: Verso.
- Streeck, Wolfgang (2016) *How will Capitalism End?* London: Verso.

¹ Esse é o caso de Wolfgang Streeck (2011; 2013; 2016).

² Haskel e Westlake (2018).